

Bairro Educador de Heliópolis conceitos fundamentais



Ação do “Projeto de Extensão: Produção e reprodução do conhecimento em Heliópolis: fortalecendo as bases de um bairro educador”

(Organização coletiva)

Uma parceria da União de Núcleo de
Moradores de Heliópolis e região com a
Universidade Federal do ABC - UFABC

2024

Quando um território é
campo do político ou
o que aprendi no
Bairro educador



Enrique Dussel, filósofo argentino e um dos maiores filósofos da atualidade seria muito bem-vindo a Heliópolis. Ele e o povo de lá teriam muito o que conversar sobre o tema que ocupa o cotidiano de ambos, a libertação dos oprimidos. Uma boa conversa em um dos bares da Rua da Mina Central em um fim de tarde poderia complementar a obra escrita em 2006 por esse filósofo latino-americano escrita e dirigida para jovens da América do Sul.

Um texto produzido em um momento de muita esperança em que diversos governos de esquerda que, portanto, defendiam pautas populares, haviam sido delegados pelo povo para exercer o poder e momento em que diversos movimentos sociais pressionavam fortemente o Estado para atender as demandas das comunidades. Tive o privilégio de ler partes deste texto com lideranças comunitárias, educadoras e moradoras de Heliópolis em 2020 e 2021 em um dos muitos processos de formação continuada realizada no território desde a sua ocupação há mais de 50 anos.





O texto intitulado 20 teses sobre política, além de um manifesto que conclama os jovens para novos tempos que se iniciavam naquele momento, é a articulação teórica de uma práxis política produzida desde o Sul, desde a América do Sul e o detalhamento de como opera o campo do político, bem como a articulação de seus elementos. Dussel, dentre outros objetivos, permite que nos afastemos de toda uma série de teses oriundas da tradição do pensamento ocidental que vincula a política à tomada e manutenção do poder por parte de uma minoria e ao poder como dominação e exercício de violência.

Nem é necessário dizer o quão essas concepções estão distantes do que é de fato fazer política e da sua finalidade e o quão o texto de Dussel colabora com diversos ajustes conceituais necessários para pensarmos nossa prática cotidiana no Sul.

A práxis descrita por Dussel neste texto dialoga com as teorias de outros teóricos e teóricas latino-americanas como Paulo Freire, Julieta Paredes e Ernesto Laclau que também propõem, cada um a sua maneira, uma releitura do campo do político, tão maltratado pela tradição do pensamento político ocidental e recentemente mais maltratado ainda pelas crescentes práticas antipolíticas da direita, erroneamente chamadas de populistas.

É importante dizer que o próprio termo populista, que vem de povo, foi ideologicamente sequestrado pelo discurso dos poderosos e por isso tomado sempre de forma pejorativa. Mas, a práxis de Dussel dialoga também com Braz Nogueira, Marília De Santis, Douglas Cavalcanti, João Bosco Nonato, Antonia Cleide Alves, Reginaldo José Gonçalves e tantos outros e outras agentes de transformação da comunidade de Heliópolis.



**“A FORÇA
DA LUTA É
MULTIPLICADA
QUANDO
COMPARTILHADA
POR MUITAS
MÃOS”**
*Antonia
Cleide*



Nesses diálogos, mesmo que antagônicos (como sempre são os diálogos no interior do campo político), poder político não é dominação, muito menos prática de violência. Poder político é a expressão da potência que tem nas comunidades de produzir e reproduzir a sua vida, de criar instituições que atendam suas demandas, de dissolver instituições que não o façam, é o poder de lutar pela vida. A comunidade dos seres viventes que produzem e reproduzem suas vidas todos os dias, e que só pode ser chamada povo ou comunidade política enquanto luta, é povo enaltecido na sua potência mais essencial. Mesmo que quando por usurpação de outros o povo não exerce poder, esse não tem como ser tomado dele; o que indica que há na comunidade política, ou no povo, uma abertura assinalada para que uma racionalidade populista se manifeste, para que as revoltas aconteçam e, com elas, as mudanças e o atendimento das demandas populares.

À primeira vista ao ler o texto de Dussel parece que todos os movimentos, organizações, ou partidos começaram assim. A comunidade de seres vivos tem demandas não resolvidas na produção e reprodução de sua vida e luta para que elas sejam atendidas. O povo cria instituições que façam a mediação necessária para que o poder político funcione de forma que a comunidade possa viver bem. Esse é o campo do político, com todos os antagonismos, tensões, contradições que opera o tempo todo em prol da comunidade, que cria instituições, luta pelo atendimento das demandas e dissolve instituições que se desviam de sua fonte e origem. Mas, apesar de vermos vislumbres destes elementos em muitos movimentos sociais no país, são poucas as experiências que representam de fato essa forma cotidiana de fazer política tão potente.





Heliópolis, um território em contínuo processo de ser bairro educador, tem um povo que luta cotidianamente pela diminuição das desigualdades sociais e pela sobrevivência da comunidade em um exercício diário de construção da democracia direta e participativa. Com isso, junto com Dussel, não quero dizer ingenuamente que toda população de Heliópolis luta, se assim fosse não haveria tanta fome, tanto desemprego, tanta necessidade no território. Mas, há povo em Heliópolis, há povo articulado em torno de demandas por meio dos movimentos sociais, das instituições criadas, dos equipamentos públicos articulados em torno de todas as demandas não atendidas. Um povo que resiste com pequenas insurgências populistas (no sentido dado por Laclau), radicalizando a democracia, interpelando os poderosos e ressignificando as instituições mesmo dentro de uma estrutura corrompida do Estado.

No território a educação é dimensão essencial do campo do político.

Se nos espaços acadêmicos, muitas vezes, ela foi apartada das demandas concretas do povo e sequer reconhecida como parte da área teórica da política, em Heliópolis ela é uma das demandas desta comunidade que mais coloca o povo em luta e dá corpo e movimento ao campo do político, faz ele funcionar todos os dias: esse povo elabora projetos políticos-pedagógicos para o território e seus equipamentos, articula equipamentos públicos educacionais ou não em torno de questões educacionais, efetiva a escola como centro de referência e liderança do território, promove formação docente e de lideranças comunitárias continuadas e defende a tese de que tudo passa pela educação, que ela deve ocupar as ruas, as vielas, os corpos que ocupam o bairro.

O povo de Heliópolis enfrenta no seu cotidiano, como muitos povos do Sul, no início do século XXI, o projeto do neoliberalismo confrontando-o com outro projeto: o de inclusão e redistribuição da renda e da riqueza.





Tendo a oportunidade de estar entre esse povo durante os últimos anos pude ver e participar da mobilização de recursos teóricos e práticos para a construção desta luta e pude ver também o quão distante a Universidade pública ainda está dos territórios que elas fazem ou deveriam fazer parte. Atuar com extensão universitária é um desafio, não por falta de competência técnica, mas por falta de condições subjetivas, pois apesar de muitos esforços individuais falta ainda à Universidade pública como instituição esse aprendizado da centralidade da educação como dimensão do campo do político, da força das lutas e do fortalecimento da intersubjetividade como bases para sua atuação.

Em 2020, a Universidade Federal do ABC iniciou, apoiada por emenda parlamentar do deputado federal Alexandre Padilha, o projeto Produção e reprodução do conhecimento em Heliópolis: fortalecendo as bases de um bairro educador. Temos feito muito. Mas, poderíamos e podemos fazer muito mais. Desde o início aprendi muito no e com o território, aprendi muito com o convívio com esse povo de luta e estamos, enquanto não conseguimos produzir conhecimento coletivo, colocando a Universidade a serviço da comunidade, colocando a instituição universitária, exercendo como diz Dussel, para exercer um poder obediencial, elaborando ações a partir da escuta da comunidade. Apesar de insuficiente, me parece já ser um grande passo.



Das muitas ações desenvolvidas e das muitas que desejamos realizar e não conseguimos, por variadas razões, houve desde o início o interesse em criar um vocabulário básico do Bairro educador, algo que ajudasse a visualizar as principais palavras deste espaço. Aqui certamente não estão todas, mas vinte palavras-conceitos que a leitora e o leitor encontrarão e que os/as ajudará a compreender esse território educacional. Participaram da elaboração desta ação em ordem alfabética: Bruno Reikdal de Lima, Douglas Cavalcanti, Kaio Barbosa Laurentino, Laila Sala, Marília de Santis, Nathália de Oliveira e eu, Suze Piza. Os verbetes foram construídos a partir de produções do projeto e textos que podem ser encontrados no site da Unas e outros materiais coletivos produzidos pela comunidade.

Suze Piza, professora de Filosofia na Universidade Federal do ABC, coordenadora adjunta do projeto Produção e reprodução do conhecimento em Heliópolis (2020-2024).

Verbetes

1. Ação comunitária	p.16
2. Assistência social e rede de proteção	p.20
3. Bairro educador.....	p.24
4. Biblioteca Comunitária de Heliópolis	p.28
5. Criança e Juventude: espaços de cuidado.....	p.32
6. Caminhada da Paz.....	p.36
7. Escolas e Educação.....	p.41
8. Educação integral (como fundamento pedagógico de um território.....	p.46
9. Formação Continuada e Calendário integrador.....	p.55
10. Heliópolis	p.61
11. Helipa Music.....	p.65
12. Observatório De Olho Quebrada.....	p.71
13. Memória.....	p.75
14. Movimentos Sociais.....	p.79
15. Planejamento e organização comunitária	p.83
16. Protagonismo Comunitário.....	p.89
17. Parceiros.....	p.97
18. Paulo Freire.....	p.99
19. Seminário da Educação	p.103
20. UNAS.....	p.106

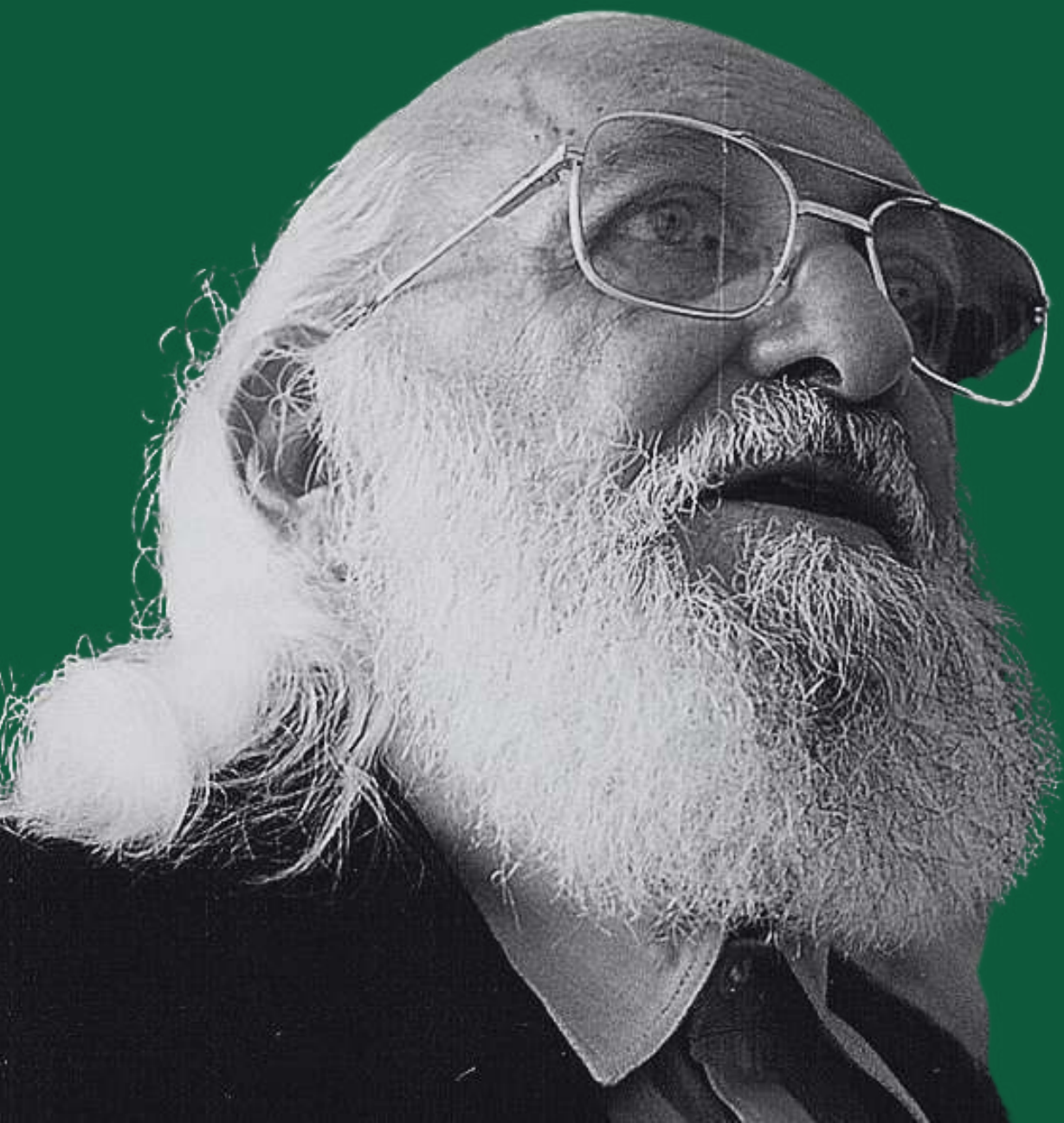
Ação Comunitária

Ação comunitária em Heliópolis é meio-fim. É meio, pois a cada demanda, a cada situação que merece atenção, a cada problema que deve ser resolvido é montado um circuito de gentes que se articulam oferecendo seus saberes em prol daquilo que se apresenta. Ao longo do tempo foram criados laços comunitários, relações políticas, relações de amizade ou de parcerias que possibilitam que esses circuitos sejam criados e que as coisas sejam feitas após o devido planejamento. Quando é assim, a ação comunitária é meio para que algo seja tratado, elaborado ou resolvido.



No entanto, esse fazer contínuo em comunidade se torna fim, quando se percebe que mesmo quando seria possível resolver algo só, cria-se uma rede comunitária para resolver. Há um hábito de fazer tudo articulado, tudo em conjunto. A ação comunitária é no território um instrumento de organização social que possibilita às lideranças (e a outros envolvidos) conhecerem sua realidade, tomar decisão na gestão de suas demandas de melhorias, avaliarem seus resultados e redirecionar o que for necessário todos os dias.

O circuito criado envolve entusiasmo de pensar em conjunto e de modo criativo sobre o que precisa ser feito, as redes articulam moradores, gestores educacionais, agentes de saúde, moradoras, parceiras de instituições distintas. Cada prática social é feita em prol da promoção de mudanças, do ponto de vista das pessoas que estão envolvidas na própria ação. O processo do fazer não é separado do refletir na medida que a ação comunitária é sempre reflexão.



Como dizia Paulo Freire, trata-se de Ação-reflexão. Esse par designa o binômio da unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. O saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente. Não há separação entre mãos e o cérebro, o fazer e o saber, a linguagem e o mundo. Na ação-reflexão afirmam-se como sujeitos, seres de relação, no mundo, com o mundo, e com os outros e atuam sobre a realidade objetiva e sabem que atuam. Em Heliópolis: educação, moradia, cultura, trabalho, segurança, cuidado são temas contínuos de criação de redes de ação.

Referências

FIORI, Ernani M. "Aprender a dizer a sua palavra" (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 9-21

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade - e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976;



Assistência Social e rede de proteção

A vulnerabilidade social impede o pleno desenvolvimento das comunidades, de suas moradoras e seus moradores, criando um cenário cercado de variadas formas de violência, humilhação social e opressões diversas. As situações de vulnerabilidade social devem ser analisadas a partir da existência de cada comunidade, por parte dos comunitários, de dispositivos capazes de enfrentar determinadas situações de risco.

Logo, a vulnerabilidade refere-se à capacidade de controle das forças que afetam o bem-viver desses grupos. Os aspectos que produzem a condição de vulnerabilidade são, no entanto, socialmente construídos e, quando são interiorizados pela pessoa, geram muito sofrimento.

Esse sofrimento surge à medida que, com a negação da emoção e da afetividade, a pessoa é privada de sua condição humana. A comunidade de Heliópolis, por meio de suas lutas sociais, busca minimizar esses impactos, com formação continuada e realização de diversos projetos desconstruindo preconceitos e estereótipos, promovendo discussões, realizando programas sociais ligados à assistência e rede de proteção, em especial da criança e adolescentes, mas não exclusivos a esses.

Um Bairro educador precisa de uma rede de cuidados, em Heliópolis espaços de assistência como CCAS (Centro criança e adolescente), SASF (Serviço de Assistência Social à Família), Centro Dia do Idoso, Medida Sócio-educativa em meio aberto, Projeto de assistência jurídica gratuita, Cozinha comunitária, NAPSI - Núcleo de Atendimento Psicológico às Crianças e Adolescentes Vítimas de Violação de Direitos e uma infinidade outros projetos, fruto de parcerias pública ou privadas, cumprem esse papel.



É imperativo que um Bairro educador seja um bairro seguro com uma rede de cuidados que funcione, essa é uma tarefa contínua, um dos horizontes para a consolidação de um Bairro Educador. Isso só acontece quando o sistema de defesa, assistência social, saúde e educacional atuam em rede. Essa é uma das bases diárias de trabalho das diversas comissões e grupos de trabalho do bairro.



Referências

FIORI, Ernani M. "Aprender a dizer a sua palavra" (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 9-21

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade - e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976;



Bairro Educador

Heliópolis é um bairro educador, um território articulado em torno da educação. O Bairro Educador significa, em Heliópolis, uma estratégia de rede educativa, ativa e organizada com a participação das famílias de estudantes e de lideranças comunitárias na elaboração e na avaliação do Projeto Político Pedagógico (PPP). O movimento pelo Bairro Educador teve como origem histórica a relação estabelecida entre a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Pres. Campos Salles e a comunidade organizada, aprofundada pela gestão do diretor Braz Nogueira em articulação com as lideranças comunitárias da UNAS.



Após esse início uma série de outras instituições escolares seguiram o mesmo caminho. Ainda nos anos 1990, a escola adotou em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) dois princípios: TUDO PASSA PELA EDUCAÇÃO A educação é um processo muito amplo, pois abrange toda a formação dos seres humanos, que se educam mutuamente. Dessa forma todos os espaços possuem um potencial educativo (não apenas a escola) e a qualquer tempo, em todas as idades, se aprende. Portanto, toda a sociedade é responsável pelos processos de formação.

A ESCOLA COMO CENTRO DE LIDERANÇA. A atuação da escola deve ocorrer de modo articulado com as lideranças da comunidade onde ela está, de modo a garantir que ela também constitua lideranças. Em 2007, a EMEF Pres. Campos Salles passou por mais uma transformação: a comunidade escolar decidiu derrubar as paredes das salas de aula, transformando-as em grandes salões de estudo. Com esse movimento, derrubava também as paredes simbólicas que separavam os professores e professoras entre si e essas das/os estudantes.



Assim, foram acrescentados mais três princípios àqueles dois primeiros: AUTONOMIA, RESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE - Juntos formam um código de ética que deve balizar as ações de todas e todos, uma vez que se busca educar os sujeitos na e para a autonomia, para a capacidade de tomar decisões e fazer escolhas de modo responsável com sua comunidade, isto é, uma educação para o exercício da autonomia implicada na relação com o outro e com o comum, de forma solidária. O ideal está descrito nesses princípios. A prática, democrática por excelência, pode ser compreendida parcialmente pela práxis em torno da educação, da memória, da ação comunitária e do cuidado.

Referências

Sala, Laila (org) **A construção da luta e de suas gentes: Bairro educador de Heliópolis**, caderno 1. Projeto Produção e reprodução do conhecimento: fortalecendo as bases de um bairro educador, Unas, 2022.

SANTIS, Marília de. **Heliópolis: da Favela ao Bairro Educador**, 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Nove de Julho, UNINOVE, 2014.





Biblioteca Comunitária de Heliópolis

A Biblioteca Comunitária de Heliópolis foi criada em 2005 pela UNAS Heliópolis e Região com o apoio do arquiteto Ruy Otake e do sociólogo, crítico literário e professor Antônio Candido que fez a doação de cerca de 1700 livros. Hoje, depois de 18 anos, o acervo de altíssima qualidade contabiliza 14 mil livros com uma grande diversidade de títulos e estilos literários. O objetivo da biblioteca sempre foi promover o acesso à literatura de forma gratuita dentro da maior favela de São Paulo e possibilitar que o livro fosse mediação entre as pessoas e fortalecesse o laço entre elas.

Além deste enorme acervo, a biblioteca oferece ainda oficinas de mediação de leitura, oficina de dança, cursos de língua portuguesa e acesso à internet gratuito, além de Saraus e literatura itinerante. A Biblioteca foi fundada como parte integrante do Programa Identidade Cultural de Heliópolis idealizado pelo arquiteto Ruy Ohtake e pela Unas. A Biblioteca é um projeto participativo, de inclusão sociocultural, que por meio da valorização da leitura, do livro e do acesso à informação cria espaços culturais múltiplos de fácil acesso às moradoras e moradores.

A Biblioteca Comunitária de Heliópolis é articulada aos equipamentos culturais e educacionais do território e atua fortemente em formação continuada de docentes, lideranças comunitárias e moradoras e moradores. O trabalho cotidiano é fundado em metodologias participativas para a pesquisa e organização da memória local que possibilita a coleta de depoimentos e materiais que tratem Heliópolis, sua história, as pessoas e as instituições que ajudaram a formar essa comunidade.

Além do caráter de preservação e recuperação de memória, essas ações pretendem colaborar para o autorreconhecimento dessa comunidade por meio da própria identificação com o seu passado que reverbere em processos de reparação histórica das violências sofridas. No dia 16 de março de 2023, foi assinada a parceria entre o consulado tcheco e a organização União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região que possibilitou a reforma e a ampliação da biblioteca comunitária.



Referências

MACHADO, Elisa Campos. IDENTIDADE CULTURAL DE HELIÓPOLIS: biblioteca comunitária. Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 113-125, jul./dez. 2005.

PERSOLI, Arlete; SANTIS, Marília de (org.). Memórias de Heliópolis - Raízes e Contemporaneidades. São Paulo: Kazuá, 2012.



Criança e Juventude: espaços de cuidado

É, principalmente, nas crianças e nas juventudes que está a força do Bairro Educador. Há uma infinidade de programas, projetos e ações voltadas às infâncias e aos jovens a começar pelos diversos equipamentos escolares, culturais e de acolhimento públicos que são diretamente geridos pela comunidade. Espaços escolares formais (CEI, Emei, EMEFs) e espaços escolares não-formais (como os CCAs). Basta conversar por alguns minutos com uma liderança comunitária de Heliópolis para ouvir a história de que quando as mulheres começaram a ingressar no mundo do trabalho se viram sem alternativas de cuidado para suas crianças.



Foi a partir desta constatação que começou o Movimento das Mães Crecheiras em Heliópolis que levantaram as demandas e criaram junto ao poder público políticas para a criação de creches na comunidade. Por conta dessa luta, muitos direitos foram consolidados e, cada vez mais, toda a sociedade foi se tornando responsável, junto com as mães, pela vida de cada criança e adolescente. Nesse sentido, lutar pelos direitos das crianças e adolescentes é também lutar pelos direitos das mulheres é lutar pelos direitos humanos de forma geral.

As lutas foram na prática se interseccionando. Braz Nogueira, referência em educação de Heliópolis, sempre define a criança como um ser integral, inteiro, pronto. A criança não é um-vir-a-ser. A centralidade da criança e do adolescente se baseia em um dos princípios do Bairro educador: Tudo passa pela educação. E uma prova disso no território é a centralidade dos CEIs.





Os CEIs são lugares de cuidado, mas também de ensino, um ensinar freiriano que é muito alinhado com os problemas e necessidades locais e com o desenvolvimento da consciência crítica, com vivências e valores na prática, criando um indivíduo autônomo, livre e capaz de tomar decisões com criticidade e discernimento, tudo isso de forma lúdica com os pequenos. A UNAS fez parcerias diretas com a Prefeitura da Cidade de São Paulo para conseguir efetivar os centros, totalizando hoje a administração de 17 CEIs - em convênio com a Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo, impactando a vida de milhares de crianças.

Referências

Silva, Mariana. **Garantindo direitos e transformando vidas em Heliópolis: As lutas das mulheres e as políticas para crianças e adolescentes** in Alves, Cleide e (org) **Onde antes só havia chão**, Rio de Janeiro: Synergia, 2022.



Caminhada da Paz

Em 1999 a estudante Leonarda Soares Alves, da EMEF Pres. Campos Salles, foi assassinada depois de sair da escola. Indignados com o ocorrido, o diretor Braz Nogueira, o Prof. Orlando Jeronimo e o então presidente da UNAS (União de Núcleos dos Moradores de Heliópolis e região) João Miranda, propuseram a organização de uma caminhada pela paz nas ruas de Heliópolis. Assim, aconteceu a primeira caminhada, que se tornou um dos eventos mais importantes para a comunidade. Ao longo dos anos, a Caminhada Pela Paz (que iniciou com pouco mais de duas mil pessoas e desde então só vem aumentando, chegando a quase quinze mil pessoas) provocou significativas transformações em Heliópolis, como a diminuição da violência e a ocupação da rua como espaço público de convivência e reivindicação de direitos e se tornou uma prática educativa.

Em seus primeiros anos, a comunidade logo percebeu que era necessário articular-se em em um grupo mais permanente, que fosse além da organização da caminhada anual. Nasceu assim o Movimento Sol da Paz de Heliópolis e a ideia de Bairro Educador, no qual todos e todas podem educar e ser educados, mediados pela solidariedade, pela consciência coletiva e pela percepção de que o Estado não é formado apenas por um conjunto de governantes que definem o destino e as prioridades de uma nação, mas por todos os cidadãos e cidadãs que fazem parte dela.



Acreditamos que a Educação é fundamental para a solução dos problemas do povo, por isso a Caminhada tem como objetivos:

- Integrar escolas e equipamentos educativos do território, fortalecê-los para que se tornem centros de liderança e articulá-los para a inclusão de graça seus currículos, de modo a desenvolver atividades cotidianas que estimulem o respeito ao ser humano, independentemente de sua cor, religião ou sexualidade;
- Reivindicar a participação da comunidade na busca de soluções coletivas e na construção de políticas públicas para a garantia da democracia e dos direitos humanos;
- Compreender que a violência é um problema social causado pela exclusão, pelo desrespeito aos direitos humanos básicos e pela lógica do lucro, e por isso não pode ser resolvida com punições, mas com a transformação dessa sociedade injusta e perversa em uma outra sociedade, sem desigualdades e sem relações de opressão;
- Encorajar as pessoas a agir coletivamente em busca da garantia dos direitos humanos; • Contribuir para transformar Heliópolis em um Bairro Educador, onde todas se sintam estimuladas a ensinar e a aprender, com base em seus cinco princípios: tudo passa pela educação, a escola como um centro de liderança, solidariedade, responsabilidade e autonomia.



A paz é de todas ou não é de ninguém. A Caminhada tem como recurso a elaboração de manifestos, alguns foram transformados em música pelos MCs de Heliópolis, mas o seu principal autor, que catalisa nos textos as discussões feitas no movimento é o Orlando Rodrigues, fundador da Caminhada e do Movimento Sol da Paz.

Em 2014, no entanto, o Movimento inovou: com o intuito de ampliar a participação dos moradores e moradoras em todas as etapas de preparação da Caminhada, foi realizado o I Concurso de Manifestos da Caminhada Pela Paz. A Caminhada da paz é uma prática educativa do território de Heliópolis de reflexão, elaboração e ação e tornou-se uma atividade política da agenda cidade de São Paulo.

Referências

Sala, Laila. *A rua é nós*, São Paulo: Unas, 2022.



Escolas e Educação

A escola é um centro de liderança. Esse é um dos princípios do Bairro educador que articula fundamentos com ações no bairro diariamente. O desenvolvimento do Bairro Educador teve como precursora a EMIEF Presidente Campos Salles, escola da região que desde 1995 articula-se com as lideranças locais para transformar-se em centro de luta pela efetivação de direitos. Somando-se a Campos Salles, a EMIEF Gonzaguinha, EMIEF Abrão Huck e tantas outras escolas municipais e estaduais, tem há mais de duas décadas se articulado com a maior associação de moradores de Heliópolis para fazer deste princípio uma realidade.



Juntas, UNAS e gestoras destas escolas, promovem por exemplo a Caminhada pela Paz, que agrega milhares de pessoas para difundir os valores elaborados pelos atores sociais da região em torno da construção de uma cultura da paz e uma infinidade de outros projetos como cursinhos populares, fortalecimento da rede de proteção à criança e adolescente, participação nos fóruns criados pela comunidade e etc.

Os cinco princípios do Bairro educador surgido em uma EMEF foram adotados pela Unas, uma organização comunitária. Atualmente, todos os projetos administrados pela UNAS - Centros da Criança e do Adolescente e Centros de Educação Infantil, entre outros - oferecem atendimentos à população de Heliópolis com base nesses cinco princípios, que são: tudo passa pela educação, escola como centro de liderança, autonomia, responsabilidade e solidariedade.

Essa relação entre escola e movimento social, estabelecida em torno da ampliação de espaços e tempos de educar, permitiu propor ao poder público municipal a construção de um Centro de Convivência nas imediações da escola, resultando na construção de um polo educacional e cultural na região. Tal articulação modificou tanto as escolas quanto o movimento, porque a partir de uma relação muito próxima ambos passaram a trabalhar juntos na luta por políticas públicas que buscam o desenvolvimento comunitário ancorado na educação integral como direito inalienável e fator indispensável de humanização.

Entre 2009 e 2020 o Centro, elaborou e desenvolveu projetos educacionais e culturais por meio de uma gestão compartilhada entre municipalidade e lideranças locais, com o intuito de transformar Heliópolis em um Bairro Educador.



Um dos elementos do pensamento e da prática pedagógicas que anima essa experiência educativa é justamente o fato de se vislumbrar em Heliópolis, como fundamento da implantação do Bairro Educador em que as escolas são centro de liderança, as concepções de educação integral e cidade educadora, consolidando uma proposta pedagógica que considera arquitetura escolar e patrimônio construído da cidade, gestão democrática e foco na autonomia do educando como princípios fundantes de sua proposta político-pedagógica.



Referências

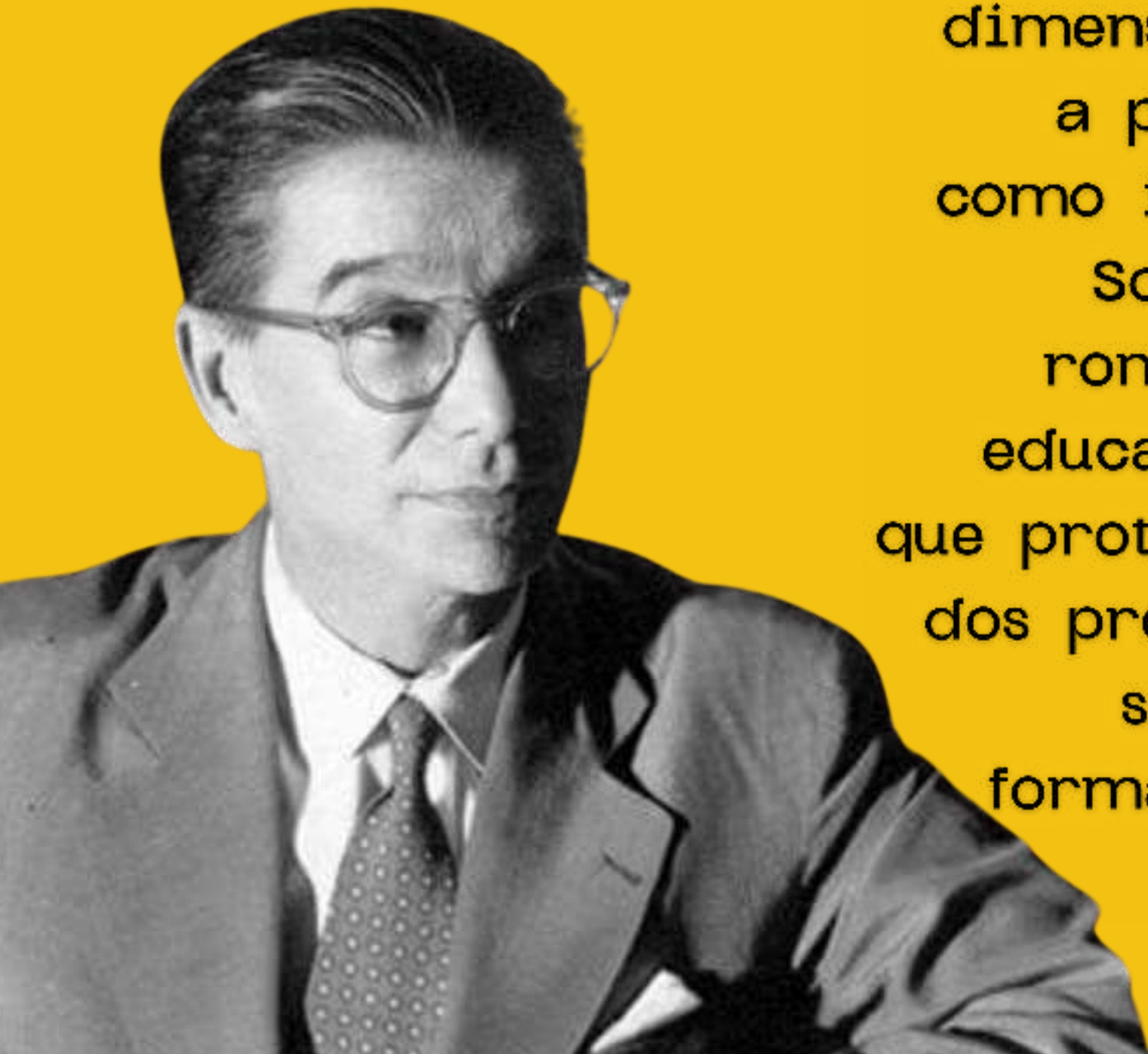
Alves, Cleide. Onde antes só havia chão, Rio de Janeiro: Synergia, 2022.



Educação Integral (como Fundamento Pedagógico de um território)

Se nos anos 1920 e 1930 encontramos, na história do integralismo, a ideia de uma educação cujo sentido é garantir controle social e processos de hierarquização, como formas de conversão moral do indivíduo para servir aos interesses do Estado, nos modelos progressistas do mesmo período revela-se outra concepção: trata-se de um processo intencional que objetiva formar indivíduos cooperativos, autônomos, criativos e participativos. São estes últimos que geraram a concepção de Educação Integral e orientaram a proposição do Bairro Educador de Heliópolis.





No Brasil, o movimento de renovação da escola da primeira metade do século XX teve em Anísio Teixeira seu maior expoente. O legado deixado pelo educador baiano se refere a um entendimento de educação pública que amplia a formação escolar, articulando-a a dimensões mais amplas como a cultura, a socialização, a preparação para o trabalho e a cidadania, assim como implica a defesa do aumento da jornada escolar. Sob a influência das ideias de John Dewey, Anísio rompe com o ideário cívico-sanitário imperante na educação brasileira da época; dissemina a crença de que protagonismo e ativismo individuais são peças-chave dos processos educativos e postula o enfrentamento das situações pedagógicas problemáticas por meio de formas não padronizadas, dinâmica de enfrentamento pela qual se produz o pensamento reflexivo.

Descarta, assim, a possibilidade de uma linha de evolução de sentido positivista, cujos caminhos estariam previamente definidos por uma filosofia determinista da história. Anísio participou da discussão nos anos 1920 em que intelectuais brasileiros anteviam a possibilidade de a expansão do ensino às massas populares, e o conseqüente encurtamento do período escolar (por razões econômicas) ocasionarem a perda da qualidade. O que se seguiu nas décadas posteriores, a despeito da crítica e da resistência, foi a ampliação do número de unidades e vagas e a redução da jornada escolar discente em escolas de até quatro turnos, configurando o padrão de funcionamento do sistema educacional ainda hoje.

Se desde a década de 1930 as ideias de Anísio repercutiam no debate nacional, foi nos anos de 1950 que elas tomaram concretude, com o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, um complexo de quatro escolas, para 4 mil alunos, e uma escola-parque anexada à sua estrutura arquitetônica, que completava o horário de aula-classe, de modo que o aluno passava o dia todo na escola.



As críticas à época se referiam aos custos do projeto, no entanto, a experiência tornou-se um marco por, entre outros feitos, incorporar a reflexão sobre espaços arquitetônicos à educação. A concepção de educação integral ficou esquecida no Brasil por cerca de 20 anos, quando, na década de 80, Darcy Ribeiro apresentou o programa do Centro Integrado de Educação Pública do Rio de Janeiro (CIEP), com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. Inspirado no modelo dos CIESP, em 1991 o governo Collor criou os Centros Integrados de Atendimento às Crianças - CIACs, com o objetivo de prover a educação fundamental em tempo integral por meio de programas de assistência à saúde, lazer e iniciação ao trabalho, entre outros. Os Centros de Educação Unificado - CEUs, implantados na cidade de São Paulo na gestão de Marta Suplicy a partir de 2002, resultam de toda essa tradição de Educação Integral brasileira.

As experiências nacionais fundadas no ideário da Educação Integral unem no mesmo debate questões que relacionam arquitetura, espaço público e currículo, que se tornaram indissociáveis, e sob tal inspiração buscam incorporar essas questões aos serviços essenciais com vistas à emancipação de parcelas populacionais historicamente oprimidas. Infelizmente, o caráter revolucionário que abarca a discussão curricular e de gestão acaba por ser desmontado em razão da troca de grupos políticos no poder, restando, no final das contas, um espaço arquitetônico na maior parte das vezes desprovido do sentido original que o criou.

O Locus da Educação: a Cidade Educadora. Um dos fundamentos da concepção de Educação Integral se ancora na pulverização de espaços educativos, já que a escola não é o único local onde é possível produzir conhecimento.



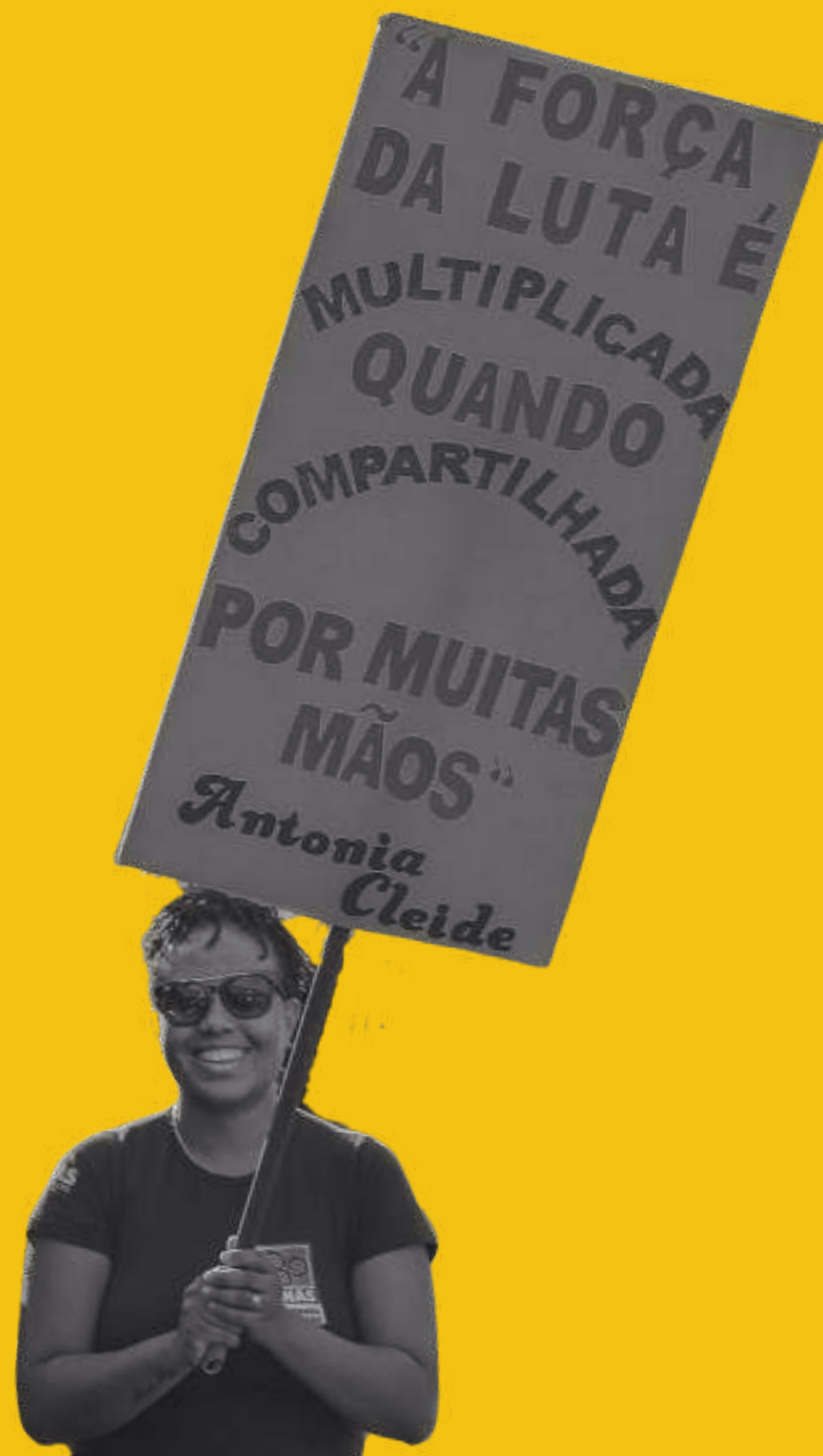
Nesse sentido, a cidade se apresenta como o lócus mais profícuo de possibilidades de aprendizagem, lugar das relações sociais, das diferenças, da cultura, da vida política, do conhecimento, e não apenas de reprodução das relações econômicas de produção. O debate sobre as cidades e a possibilidade de uma efetiva articulação política de âmbito mundial se intensifica no final do século XX: em Barcelona, nos anos 1990, desenvolve-se um movimento que toma por suposto o caráter educativo intrínseco às cidades; em 1994, criou-se a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), cujo objetivo é promover o cumprimento dos princípios da Carta das Cidades Educadoras.

Nesse documento, a cidade é entendida como um sistema complexo e ao mesmo tempo um agente educativo permanente, uma vez que comporta elementos importantes para uma formação integral. O argumento central para a escolha da cidade enquanto esfera de poder se baseia no fato de que o sistema municipal, por sua proximidade com os cidadãos, é o mais aberto e transparente, o mais próximo da cidadania - a cidade constitui, por si mesma, uma escola de cidadania, e seu potencial educativo se dá com a intencionalidade educativa na forma como ela é apresentada a seus cidadãos.

A educação preconizada pela Carta se insere na perspectiva da Educação Integral porque prevê uma formação sempre renovada tanto para crianças quanto para adultos, dado que todos necessitam, igualmente, estar em formação ao longo de toda a vida. Cabe a uma Cidade Educadora promover o equilíbrio entre identidade e diversidade, e aceitar as contradições propondo processos de conhecimento, diálogo e participação como um caminho idôneo para a convivência.

Essa relação entre escola e movimento social, estabelecida em torno da ampliação de espaços e tempos de educar, permitiu propor ao poder público municipal a construção de um Centro de Convivência nas imediações da escola, resultando na construção de um polo educacional e cultural na região. Tal articulação modificou tanto as escolas quanto o movimento, porque a partir de uma relação muito próxima ambos passaram a trabalhar juntos na luta por políticas públicas que buscam o desenvolvimento comunitário ancorado na educação integral como direito inalienável e fator indispensável de humanização.

Entre 2009 e 2020 o Centro, elaborou e desenvolveu projetos educacionais e culturais por meio de uma gestão compartilhada entre municipalidade e lideranças locais, com o intuito de transformar Heliópolis em um Bairro Educador.



Referências

De Santis, Marília. De favela a Bairro Educador: o protagonismo comunitário em Heliópolis, in Alves, Cleide, Onde antes só havia chão, Rio de Janeiro, 2022.



Formação Continuada (de docentes, gestores, lideranças comunitárias e comunidade) e Calendário Temático Integrador

A Unas se empenha diariamente com seus programas, projetos e ações para que Heliópolis seja um Bairro educador, essa é uma tarefa democrática de primeira grandeza e, como tal, é processo sempre em andamento, sempre em construção. A promoção da cidadania em suas mais diversas dimensões e o desenvolvimento integral da comunidade são as metas. Para tanto a formação continuada da comunidade é fundamental. Como Bairro Educador a Unas tem um projeto político-pedagógico fundado em eixos temáticos como: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade, matemática e direitos humanos.



Isso é feito com uma infinidade de projetos paralelos que trazem ano a ano o cotidiano de Heliópolis e esses temas vão pautando ações no território, nos CEIs, CCAs, nas Escolas e nas ações da comunidade. Tudo isso é feito com planejamento, encontros regulares de comissões, grupos de estudo, grupos de trabalho, paradas pedagógicas, reuniões de vínculo. Esse trabalho é sustentado por um calendário temático integrador. O currículo é mais que uma seleção de conteúdos a serem organizados com a intenção de educar.

A Educação Integral, ao afirmar que todas as idades e todos os lugares são tempos e espaços de aprendizagem, rompe com as concepções tradicionais de educação e, portanto, de currículo.

O Bairro Educador de Heliópolis, através da articulação de um Calendário Temático Integrado vem então consolidando um currículo que organiza diversas instituições, pessoas e projetos em torno de temas comuns. Isso é feito por meio de uma infinidade de parcerias que participam de paradas pedagógicas, seminários da educação, caminhadas da paz, Helipa Music e tantas outras atividades que já são tradicionais e tornam o território inteiro um espaço educacional.

Por meio Calendário Temático Integrado se estruturam algumas ações pactuadas por diversos atores do Bairro Educador. Cada vez mais o calendário vem nos permitindo ter contato com alguns temas, expressões culturais e movimentos sociais pertinentes. No Bairro Educador, essa estruturação vem se articulando a partir da vontade de incluir nas instituições tradicionais as vozes que normalmente não são escutadas pela sociedade, na tentativa de promover uma transformação curricular e dar visibilidade às demandas dos grupos historicamente marginalizados.

De uma forma geral, principalmente nas escolas, os calendários são organizados a partir de uma visão de mundo ocidentalizada, branca e patriarcal, às vezes até privilegiando uma ou outra data religiosa (normalmente católica). Isto não favorece que os estudantes relacionem (identifiquem, contraponham, critiquem etc.) as práticas sociais, culturais e artísticas do seu território com os conteúdos tradicionais e a sua própria experiência de vida.



Busca-se, por isso, basear os trabalhos em uma memória e uma experiência presente que visibilizem as narrativas dos/as oprimidos/as. Assim, o Calendário Temático Integrado se estrutura a partir das pautas dos movimentos sociais, uma vez que eles têm o potencial de realizar, ao mesmo tempo, a denúncia das injustiças e o anúncio de sua superação.

Essas pautas viram temas que, por sua vez, se tornam práticas pensadas por educadores/as e ativistas em conjunto - papéis esses que passam a se misturar. Por isso, as ações do calendário são educadoras para todas as pessoas que o partilham e, por isso mesmo, constroem-no. Ele reflete a articulação e mobilização da comunidade, tornando a formação mobilizadora e a mobilização formadora.



Referências

Laila Sala, A rua é nós, São Paulo: Unas, 2022

